
Presença dos Evangélicos na Internet: reflexões a partir da perspectiva ecossistêmica em análise aos *sites* das igrejas Mundial do Poder de Deus e Universal do Reino de Deus¹

William Costa da SILVA²
Maria Emília de Oliveira Pereira ABBUD³
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

Este artigo propõe um levantamento sobre a chegada, presença e permanência dos evangélicos na internet, a partir de análise aos *sites* principais da Igreja Mundial do Poder de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus. As proposições de Campos (2008) e Jungblut (2010) nos auxiliam nesse entendimento. A perspectiva dos Ecossistemas Comunicacionais direciona nosso olhar. Ao fim, percebe-se que a permanência dos evangélicos na internet gera conexões e interdependências que envolvem os processos comunicativos estabelecidos entre as igrejas neopentecostais, os evangélicos e os demais indivíduos, e está além dos meios constituídos das relações criadas no ciberespaço.

PALAVRAS-CHAVE: neopentecostais, internet, ecossistemas comunicacionais, religião, comunicação.

INTRODUÇÃO

A partir das inquietações dos autores, durante a construção de uma dissertação de mestrado, verificou-se a expressiva e recorrente ascensão dos evangélicos na mídia brasileira nas últimas décadas. Logo, nos impressos, rádios, televisão e mais recente, na internet. Essa presença tem de sobremaneira vários objetivos, e nesse levantamento, pretende-se identificar elementos, a partir de um olhar mais complexo, em dois *sites* de duas igrejas evangélicas.

Para este estudo, será utilizado o termo ‘evangélico’, pois,

[...] na América Latina, recobre o campo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas na e descendentes da Reforma Protestante européia do século XVI. Designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM), da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Bacharel em Comunicação Social: jornalismo pela UFPA, e-mail: contato.wcosta@gmail.com.

³ Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas, vice-coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da Ufam. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação Social: Estudos Interdisciplinares. Coordenadora do Laboratório de Pesquisas Interdisciplinares em Comunicação (Labicom), e-mail: emiliaabbud@hotmail.com.

Anglicana, Metodistas e Batista) como as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Cada da Benção, Universal do Reino de Deus, etc.) (MARIANO, 1999, p.10).

Ainda segundo o autor, no início do século XX, os cristãos viveram uma ruptura significativa, quando os evangélicos experimentaram uma divisão e origem dos pentecostais, com diferentes práticas litúrgicas e crenças no poder sobrenatural, a partir da manifestação de dons de revelação, curas e milagres, além do batismo com o Espírito Santo, que ‘marca’, os que podem falar em novas línguas, ou línguas estranhas (glossolalia).

Em 1910, o Movimento Pentecostal tem início no país, com a vinda da Congregação Cristã no Brasil. E no ano seguinte, 1911, quando dois missionários suecos desembarcam em Belém do Pará, em meio ao período áureo da borracha, e pouco tempo depois de estarem freqüentando a igreja Batista de Belém, apresentaram as manifestações de renovação do cristianismo e encontraram resistência em parte dos fiéis⁴ batistas, e logo criaram um grupo de dissidentes da igreja e fundaram, posteriormente, a Assembléia de Deus (ALENCAR, 2012).

Segundo Mariano (1999), poucos anos depois da chegada do Movimento Pentecostal ao país, há algumas renovações que o fragmenta em três ondas na criação de novas igrejas evangélicas: pentecostais clássicos, igrejas de primeira onda, em que a ênfase doutrinária era em línguas estranhas, as de segunda onda, baseados na cura divina, são chamados de deuterpentecostais, e as igrejas pentecostais de terceira onda, que chegam a partir de 1970, como um novo caminho doutrinário, trazido pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)⁵, o neopentecostalismo.

O neopentecostalismo tem três aspectos definidos por Mariano (1999), a exacerbada guerra espiritual contra o Diabo, a ênfase na teologia da prosperidade (as bênçãos a partir dos bens materiais e financeiros), liberalização de estereótipos em usos e costumes, e por fim, a estruturação em forma de empresa.

Cabe, para este estudo, o levantamento da chegada e presença dos evangélicos na internet, bem como a permanência a partir da análise dos *sites* institucionais, respectivamente, da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), e da Igreja Universal do

⁴ Membros que participam de uma igreja e professam da mesma fé.

⁵ A Igreja Universal do Reino de Deus foi criada em 1977 no Rio de Janeiro, por Edir Macedo, que à época era servidor público alocado na Loteria do Estado do Rio de Janeiro (Loterj). Fonte: Portal IURD. Disponível em: <<https://www.universal.org/a-universal/>>. Acesso em 24 jun 2019.

Reino de Deus (IURD), ambas dentro da classificação de terceira onda do Movimento Pentecostal, ou seja, os neopentecostais (indivíduos que fazem parte do neopentecostalismo).

Ascensão das igrejas evangélicas no Brasil

O número de evangélicos cresceu, significativamente, segundo dados do IBGE (2012). Em 2000, eram 26 milhões de evangélicos, entre os 186 milhões de brasileiros, pouco mais de 15% da população. E em 2010, esse percentual sobe para 22,2% de 190 milhões de brasileiros, ou seja, 42 milhões de pessoas se declararam evangélicos: cerca um quinto da população.

Dos evangélicos apresentados pelo Censo do IBGE (2012), os pentecostais são maioria: 13,3% da população brasileira. Os que se declararam de igrejas de missão (protestantes históricas) somam 4%, e os que não identificaram o tipo de igreja da qual fazem parte, mas declaram ser evangélicos, são 4,8%.

A Assembléia de Deus é a maior das igrejas pentecostais, com mais de 12,3 milhões de membros no Brasil, seguido da igreja Batista (protestante histórica), com 3,7 milhões de fiéis. A região Norte é a que concentra o maior número de indivíduos que se declararam pentecostais, superando, inclusive São Paulo, que é sede da maioria das igrejas (IBGE, 2012, p. 92).

Presença dos Evangélicos na Mídia Brasileira

O número de evangélicos tem refletido na mídia brasileira. É notável a presença de rádios e canais arrendados por igrejas evangélicas, programas segmentados ao público evangélico, *sites* de relacionamento exclusivo para evangélicos, revistas e jornais confessionais.

Os evangélicos (...) se tornaram uma religião “evangelizadora”, “missionária” ou “proselitista”. Para legitimar tais características seus teólogos disseminaram a idéia de que era preciso recuperar a “pureza da Igreja”, que teria sido maculada por um possível processo de “paganização” ou de “constantinização”, que segundo eles durou toda a Idade Média. Talvez, por causa desse complexo anticatólico, os evangélicos saúdam cada descoberta ou implementação de novas tecnologias comunicacionais como uma “oportunidade dada por Deus” para a expansão de seu reino na face da terra por meio da pregação (CAMPOS, 2004, p. 148).

A justificativa primeira, de presença dos evangélicos em meios de comunicação, pode ser considerada, como proposto por Campos (2004), neste caso, a expansão do ‘reino’ é potencializada pelo alcance da qual os meios de comunicação conseguem chegar, e que fisicamente a igreja evangélica, possivelmente não conseguiria, como por exemplo, em casas, em condomínios, entre as classes sociais.

Presença de Evangélicos na Televisão

Historicamente, a televisão foi o meio de comunicação em que algumas das igrejas evangélicas brasileiras mais resistiram em ocupar. Em tempo, os pentecostais foram os mais avessos ao novo meio. No entanto, a partir da década de 1980, algumas das igrejas evangélicas, conduzidas pelas neopentecostais, entenderam que também poderiam utilizar a televisão, e em pouco tempo, várias igrejas tinham programas próprios sendo exibidos nas principais emissoras do país.

Para Campos (2008), a ocupação dos evangélicos na mídia brasileira foi intensificada quando Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) comprou, em 1989, a Rede Record de Televisão, e a igreja Assembleia de Deus em Manaus, no Amazonas, à época liderada por Samuel Câmara, comprou a extinta TV Ajuricaba transformando-a em Rede Boas Novas (RBN), em 1993.

A partir da década de 1990, com o surgimento de novas igrejas neopentecostais, a ocupação de veículos de comunicação brasileiros por evangélicos, principalmente rádio e televisão, cresceu ainda mais, por exemplo, a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), liderada pelo missionário Romildo Ribeiro Soares (RR Soares) detém a Rede Internacional de Televisão (RIT), com programação baseada nas atividades da igreja, está presente em todas as capitais brasileiras, e principais cidades do interior. Além da emissora, a igreja também possui um sistema de televisão por assinatura via satélite, a Nossa TV Brasileira, (ONGRACE, 2018).

Outra igreja neopentecostal que emerge na mídia, a partir dos anos 2000, é a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD)⁶, liderada pelo pastor Valdemiro Santiago, com a Rede Mundial, que possui vários canais de televisão em todo território nacional (IMPD, 2018).

⁶ Fundada em 03 de Março de 1998 pelo Valdemiro Santiago, a Igreja Mundial do Poder de Deus conta com cerca de 6.000 templos divididos entre Brasil e demais países do mundo.

Chegada e Presença de Evangélicos na Internet

Durante o levantamento para elaboração desse estudo, não foi encontrada nenhuma referência aos primeiros *sites* evangélicos, mas Jungblut (2002) ressalta que no final da década de 1990, os evangélicos ocupavam quase todos os espaços virtuais possibilitados pela internet, desde as páginas de retorno em buscadores, às salas de bate-papos em chats, fóruns de debates, grupos de notícias e listas de discussão por e-mail.

As maiores igrejas evangélicas do Brasil estão presentes na internet. Essa presença é percebida a partir da disponibilização de *sites* institucionais, perfis oficiais nas plataformas de redes sociais digitais, transmissões ao vivo de cultos, boletins informativos eletrônicos, disponibilização de vídeos, chats com pastores, aplicativos para celular e outras tecnologias, que geram engajamento com seus públicos.

Segundo Jungblut (2010), há um empenho dos evangélicos em se mobilizar pela expansão do rebanho com os apelos por salvação, e a internet é atualmente o local onde têm ocorrido mais dessas investidas, assim como foi com o rádio e televisão, e essa presença tem sido intensificada com,

[...] formas bastante diversificadas de visibilidade; institucional (muitas páginas de igrejas locais, regionais, nacionais ou mesmos internacionais; um grande número também de páginas de organizações ecumênicas, paraeclesiais, interdenominacionais, etc.); publicitária/comercial (um número considerável de páginas na *web* com publicidade de livrarias e lojas de discos evangélicos, por exemplo); pessoal (um grande número de páginas pessoais visando a divulgação da fé evangélica); intensa interatividade individual de relacionamentos extra e intramuros (grupo religioso que, seguramente, mais se lança à interatividade comunicativa via Internet buscando não só a formação de comunidades de crentes como também o trabalho conversionista) (JUNGBLUT, 2010, p.206).

Na internet, os evangélicos já estão confortavelmente instalados, e usam das ferramentas para cumprir com a obrigação bíblica de levar a todos os povos as boas novas, ou seja, “estão fazendo o que sempre fizeram e o que se esperaria de um cristão mais fundamentalista, zeloso de suas obrigações religiosas: levar a todo lugar as boas novas cristãs” (JUNGBLUT, 2002).

Ainda de acordo com o autor, os jovens pentecostais entre 15 e 25 anos são maioria na internet, e buscam comunicação via mensagens instantâneas, com posicionamentos extramuros. Com objetivos, que versam além da conversão, mas com a ideia da expansão e conquistas do ciberespaço, como um novo meio para a

comunicação, sociabilidade, organização e transição, que surge em decorrência da internet, tal qual um novo mercado da informação e conhecimento (LÉVY, 1999).

O comprometimento de propagar o cristianismo tem sido feito na internet, feito, por exemplo, por pastores com mensagens de auto-ajuda, aplicativos com várias versões da bíblia, sermões que podem ser acessados a qualquer momento, dízimos por transferência bancária *on line*, oração por mensagens, grupos de conversas, aconselhamentos, transmissão de cultos ao vivo e com bênção especial à quem assiste, interatividade e outros investimentos feitos, buscam a experiência mais cômoda possível ao internauta, através de um dispositivo com conexão à internet.

Permanência dos Evangélicos na Internet e as Relações Ecológicas

Os perfis criados nas plataformas de redes sociais digitais, como Facebook, Instagram e Youtube, são diferentes dos de outros espaços, como os físicos, pois segundo Souza (2009), no ciberespaço as redes sociais ganham “nova materialidade com os recursos”, e pela dinâmica de um “sujeito contingente e movente”, as redes passam a ser “voláteis, líquidas, mas espessas e consistentes”.

Neste sentido, a necessidade de apropriação da internet pelos evangélicos, pode trazer novas perspectivas de um ambiente que já não é preso às estruturas físicas, mas de um espaço onde as ferramentas postas podem proporcionar novas descobertas e novos relacionamentos.

A internet assume o papel de reguladora da organização humana, onde possibilita a comunicação, em nível de rede, intermediada pelo computador. E passa a fazer parte da rotina de qualquer indivíduo, instituição ou organização, que a alimenta e gera ciclos ou processos nesse âmbito.

Quando as igrejas evangélicas, por exemplo, presentes na internet, passam a produzir conteúdo confessional, acabam se adequando aos processos comunicativos das redes para transmissão de suas mensagens, tanto para seu público primeiro, os evangélicos, quanto o seu público alvo: os que ainda não professam de sua ideologia.

Para Carllote (2016, p. 20), ao se pensar as religiões nos dias atuais, é “necessário considerar o processo de midiaticização, ao quais algumas tiveram que se adaptar e outras já surgiram durante seu curso”, ou seja, a religião não se mantém indiferente ao processo de ocupação da internet, já “que os meios de comunicação inserem-se em cada fresta das relações humanas”.

Entende-se que é importante pensar os fluxos e processos comunicativos oriundos dessa permanência, assim como os reflexos nas redes das práticas sagradas realizadas nos templos, ou seja, o uso da mídia como potencializadora das ações sagradas, novas construções, desconstruções e reconstruções de discursos, e a percepção dos ecossistemas comunicacionais, a partir das relações e interações de produções na e a partir da internet.

Para Pereira (2011),

[...] os processos comunicativos na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreende, antes de tudo, entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa que o ambiente que a envolve é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir (PEREIRA, 2011, p.51).

Concernente à perspectiva dos ecossistemas, os evangélicos não são vistos como um público isolado socialmente, mas carregados de suas construções simbólicas, como a igreja, os dogmas e as doutrinas, como meios que os interligam entre si e ao mundo. No ciberespaço, assim como no espaço físico, há a influência do evangélico, da igreja, do religioso, como redes e pontes que convergem entre si,

Contudo, sob esse olhar, a perspectiva ecossistêmica é vista pela “necessidade da ciência de compreender os fenômenos em sua totalidade e não mais como independentes uns dos outros”, as partes não dão conta de responder pelo fenômeno, é necessária a interação das partes para observação, conforme (RECUERO, 2009, p.17).

Para tanto, faz-se necessário perceber as relações ecossistêmicas da permanência dos evangélicos na internet, desencadeada por uma construção midiática complexa, através das interconexões que juntas tecem o todo, conforme proposto por Morin (2001).

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (MORIN, 2001, p. 38-39).

Sob o viés da complexidade, observada pela perspectiva dos ecossistemas comunicacionais, a reflexão proposta pode nortear o quão dependente as igrejas

neopentecostais estão da mídia e meios de comunicação. A internet pode ser usada como mais um canal para estreitar as relações entre os públicos a fim de potencializar seus objetivos, sustentando pela forma como se propaga um evangelho propagado por essas igrejas, seja como extensão do templo físico ou suporte religioso de fácil acesso para os fiéis.

Sob esta ótica, se considera então, que o ciberespaço agrega, mas também pode ser usado como alternativa à estrutura religiosa física. Neste caso, o processo de convergência de condução dos evangélicos do espaço físico ao virtual, segundo Jenkins (2009) se justifica, pois, “nossa vida, nossos relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais de mídia”, portanto, a internet é local onde “estamos presentes”, e “nos apresentamos”.

Nesse aspecto, dentro do campo religioso, Martino (2016) lembra que as fronteiras deixam de existir, e “a convergência cultural pode ser observada na diluição de fronteiras entre as narrativas religiosas e dos meios de comunicação, particularmente do entretenimento”, onde as representações já não se segmentam, mas se completam de ecossistemicamente por sua complexidade.

Seria vago, apenas afirmar que as igrejas evangélicas estão na internet porque os evangélicos também estão, mas, o quê leva os evangélicos a estarem e permanecerem na internet?

Além da diversidade de conteúdos, entretenimento, e serviços da internet, a experiência dos evangélicos na internet pode ser construída a partir das interações ecossistêmicas virtuais, onde a conveniência e o conforto para a construção espiritual pode acontecer onde o internauta preferir. Neste sentido, as paredes físicas de um templo não são mais limitadoras, pois no ciberespaço, essa parede é construída pelo próprio internauta, que delimita seu espaço a partir de seu envolvimento com a igreja.

Nota-se, que os neopentecostais percebem esse público que chega pela internet, realiza investimentos como a criação de *sites*, portais, aplicativos, estruturação em câmeras e som para transmissões de cultos, rádios, produções audiovisuais, melhorando o desempenho dos pastores televisionados, vestimentas, uso de gírias, trabalhando conteúdos segmentados e criando *web* celebridades próximas ao que o secular tem produzido.

Com essa interconexão entre os espaços físicos (templos), virtuais (*sites*) e a sociedade, nota-se a construção de um ecossistema comunicacional, pois as relações que

outrora nos espaços físicos se delimitavam pelas paredes dos templos, por exemplo, no ciberespaço é expansível e acessível.

Os evangélicos se apropriam das plataformas online, e as igrejas seguem para ampará-los virtualmente.

Esse ambiente trouxe vários desafios às denominações religiosas. Como partilhar uma mensagem religiosa com fiéis que, fora do ambiente religioso, estão imersos no mundo da TV e dos filmes e, mais recentemente, dos jogos eletrônicos e das redes sociais? Não há resposta fácil para essa questão: enquanto algumas denominações optaram por manter suas práticas, idéias e rituais distantes de qualquer influência de mídia, outras escolheram integrar-se a esse ambiente, criando uma estética midiático-religiosa, resultado da interseção, nada fácil, entre modelos da mídia e práticas religiosas (MARTINO, 2016, p. 156).

Para duas das principais igrejas neopentecostais: a IMPD e a IURD, a internet é usada como elo de oferta de serviços, e acesso às ações, programação e notícias. Os *sites* deixam explícito que ali também é a igreja, e que ao navegar será possível encontrar várias formas de interação e aproximação.

Site da Igreja Mundial do Poder de Deus

Ter um *site* dá à igreja o status de presente e permanente na internet, ou seja, é um delimitador de espaço, pois assim como no local físico, a igreja está na rede mundial com um “endereço”, oferecendo “serviços” e criando um elo entre a igreja e o público, que pode ser ou não membro.

No *site* da Igreja Mundial, conforme a figura 1, o destaque principal é atribuído ao líder Valdemiro Santiago, que aparece em seis das oito fotografias que estão na página principal. A manchete de destaque é “Faça parte do livro de 1 milhão de dizimistas”, que chama atenção do internauta a contribuir para fazer parte de um seleto grupo, dando a entender serem diferenciados, referenciando a condição de salvação, pois biblicamente respaldado, tem-se a idéia de que só “entrará” no céu, aquele que tiver seu nome escrito no “livro da vida”.

FIGURA 1 - Capa do *site* oficial da Igreja Mundial do Poder de Deus



Foto: Reprodução

Fonte: Igreja Mundial. Disponível em: <www.impd.com.br> Acesso em: 25 nov 2018.

No *site* constam informações da igreja, como história, líderes, galerias de fotos e vídeos. Além de conteúdos produzidos pela igreja e os exibidos através dos canais de televisão e rádio. Outra ferramenta é a loja virtual, que permite adquirir os produtos desenvolvidos pelas empresas ligadas à IMPD e parceiros. Neste caso, a experiência ao internauta tende ser mais interativa e participativa.

Site de Igreja Universal do Reino de Deus

Com o *site* da Igreja Universal, a experiência do internauta é ainda mais diversificada e interativa, pois além das ferramentas e funcionalidades como de fazer doações, assistir vídeos e aos canais de TV da igreja, é possível ouvir as rádios e votar em enquetes. Há o “pastor online”, uma central virtual, que disponibiliza pessoas para tratar sobre assuntos emocionais e espirituais, 24 horas por dia, com a descrição enfatizando que o atendimento é sigiloso e gratuito, assim como a prática confessional adotada principalmente pela Igreja Católica.

As apropriações das ferramentas de internet pelas igrejas neopentecostais também perpassam pelas redes sociais digitais. Há conteúdos sendo apresentados pelo Facebook, Twitter, Instagram, Youtube, além de aplicativos próprios para *smartphones*, sempre associados a passagens bíblicas, chamadas para encontros e eventos, palavras de motivação e enaltecimento dos líderes, que neste estudo estão apenas Santiago e Macedo.

FIGURA 2 - Capa do *site* oficial da Igreja Universal do Reino de Deus

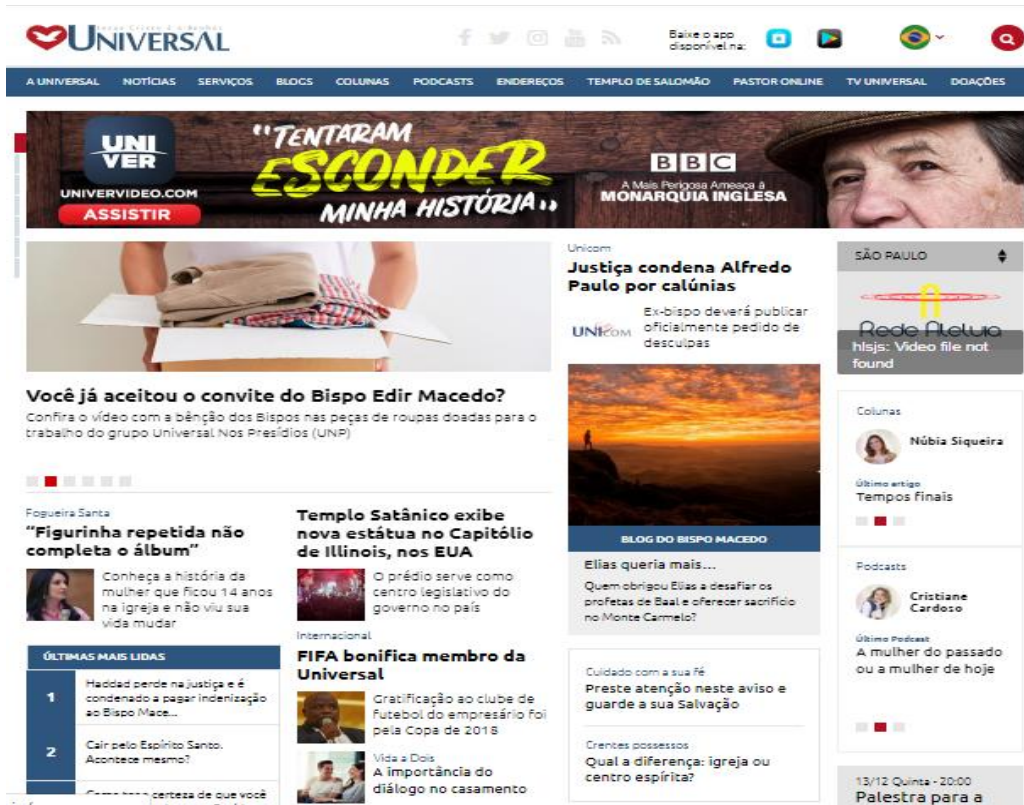


Foto: Reprodução

Fonte: Igreja Mundial. Disponível em: <www.universal.org> Acesso em: 13 dez 2018.

A igreja Universal (2019), justificativa o uso das redes sociais, com a seguinte afirmativa:

Enquanto muitos freqüentam redes sociais para futilidades, a Universal as utiliza como importante meio de evangelização e orientação. O Facebook e o Twitter podem ser usados como canais de Salvação, amor e prosperidade, partilhados com amigos reais e virtuais. Curta e compartilhe (UNIVERSAL, 2019).

Por uma breve comparação, entre páginas iniciais dos *sites* apresentados das igrejas, nota-se uma intensificação maior por parte da igreja Universal no que diz respeito ao conteúdo do cotidiano social, ou seja, são notícias que mostram a atuação social da igreja no esporte, na política, e fazendo frente à outras religiões.

De maneira mais geral, a construção do *site* da IURD pode ser vista a partir de um olhar ecossistêmico mais complexo, pois mesmo sendo confessional, há uma relação

social constituída, pois a proposta de conteúdo sai do universo neopentecostal e traz também assuntos de fora de igreja, mais inerentes à realidade de atuação da igreja.

Considerações

Durante o levantamento e diante das reflexões propostas, ficou evidente que as orientações doutrinárias das igrejas neopentecostais são transportadas também para o ciberespaço e o comportamento social do evangélico acaba associado à sua atuação na internet.

Sob essa perspectiva, no ciberespaço, os evangélicos reconstróem percepções e caminham com a liberdade que o ambiente proporciona, pois não há controle e monitoramento direto das igrejas e líderes espirituais, mas uma escolha, que pode se contradizer ou não aos pensamentos e práticas individuais e doutrinas religiosas.

Na internet, a igreja vai encontrar dificuldades, se pensar, assim como nos templos físicos, em colocar seus membros em sincronia dentro de um mesmo espaço, em um determinado horário, por exemplo. A multimidialidade e a disposição de conteúdos são diferentes e podem ser acessados a qualquer momento. Não é mais preciso ir à igreja em determinado horário, mas chegar ao culto através de uma conexão de internet.

No ciberespaço as relações saltam as “paredes” das igrejas, e a internet como meio para interconexões, dá a chance aos evangélicos, de experimentar o cristianismo sob olhares diferentes, a partir de novas relações e diferentes processos comunicacionais.

Dentro da perspectiva dos ecossistemas comunicacionais, pode-se pensar a participação dos evangélicos na internet como um internauta, independente da condição religiosa, das plataformas que utilizem, e das interações realizadas por meio das redes sociais digitais. A transposição da pessoa do espaço físico para o virtual cria uma janela em que um fiel pode ou não existir, representando a realidade.

As igrejas podem ou não encontrar seus públicos no ciberespaço, mas ela entende que se há um público, ela precisa agregá-lo, compartilhando de suas ideias e proporcionando interação tanto aos evangélicos, quanto a quem tiver acesso aos conteúdos produzidos por elas.

Por fim, constata-se que as igrejas pentecostais caminham em direção aos evangélicos que estão na internet, e acabam por ofertar seus conteúdos também nas

plataformas onde os indivíduos estão. A presença dessas igrejas é construída também como forma de referenciar seus líderes e trabalhos desenvolvidos. Não é pensada plataforma por plataforma, no caso das redes sociais digitais, são pensadas como complementos e ferramentas isoladas, tendo em vista o produto principal das igrejas serem os templos físicos.

O desafio, no entanto, pode estar ligado à permanência das igrejas neopentecostais na internet, em produzir conteúdos relevantes, interativos e criativos nas mais diversas plataformas do ciberespaço, ter uma linguagem mais aberta e acessível, e gerar engajamento não apenas com os próprios fiéis, mas com outros indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia 1911- 2011**. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. **Revista USP**, São Paulo, n.61, p. 146-163, março/maio 2004. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13327/15145>>. Acesso em 24 jul. 2017.

_____. Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História de Acertos e Desacertos. **Revista de Estudos da Religião - REVER**, 2008. Disponível em: <<http://pesformosos.com.br/estudos/evangelicos-midia-brasil.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

CARLETTI, Renan Silva. Religião e Internet: Como Pensarmos A “Religião” Hoje?. **Revista Último Andar** (ISSN 1980-8305), n. 29, 2016. PUC SP. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/viewFile/31306/21806> Acesso em 27 jul. 2017.

IBGE. **Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. IBGE: Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2018.

HALL, Stuart. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Guaracira Lopes Louro. 10ªed. Rio de Janeiro, 2005.

IMDP. **Igreja Mundial do Poder de Deus**. Institucional: conheça a história da Igreja e do apóstolo Valdemiro Santiago, c2018. Disponível em: <<https://www.impd.org.br/institucional>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Os evangélicos brasileiros e a colonização da internet. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 4, n. 4, p.149-166, out 2002.

_____. O uso religioso da Internet no Brasil. **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, vol. 1, n. 1, p. 202-212, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade**: Das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2016.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Protestantismo no Brasil**: um caso de religião e cultura. Revista USP, São Paulo, n.74, p. 160-173, junho/agosto 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001.

ONGRACE, **Igreja Internacional da Graça de Deus**. História: a Igreja da Graça, c2019. Página inicial. Disponível em: < http://ongrace.com/portal/?page_id=7 >. Acesso em: 25 nov. 2018.

PEREIRA, M. F. Ecossistemas comunicacionais: uma proposta conceitual. In: MALCHER, M. A.; SEIXAS, N. S. A.; LIMA, R. A.; AMARAL FILHO, O. **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: Fadesp, 2011.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **As redes sociais e a liquidez na Sociedade 140 bytes**: sob os olhos da Coruja de Minerva. 2009. Disponível em:< <http://docplayer.com.br/8197292-As-redes-sociais-e-liquidez-na-sociedade-140-bytes-sob-os-olhos-da-coruja-de-minerva.html>>. Manaus: Ufam, 2009. Acesso em 27 jul. 2018.

STAHL, Marcos Francisco. A Igreja Pentecostal Deus é Amor no Ciberespaço. Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo. **VIII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial**, São Bernardo do Campo, SP, 22/8/2013.

UNIVERSAL, **Igreja do Reino de Deus**. História da Universal, c2018. Disponível em: <<https://www.universal.org/a-universal/>>. Acesso em: 13 dez. 2018.